

**A TERMINOLOGIA COMO BASE
PARA UM DICIONÁRIO LINGUÍSTICO-GRAMATICAL**

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

A terminologia não costuma ser estudada nos cursos de graduação em letras, apesar de ser de grande importância para o desenvolvimento dos trabalhos científicos de qualquer natureza, pois trata da nomenclatura técnica das diversas especialidades, cuja utilização prática é universal, já que toda ciência e técnica têm termos específicos para descrever suas atividades. Considerando esta realidade, apresenta-se a definição e a descrição desta ciência, sua utilidade e detalhes de sua estrutura, principalmente para as áreas de linguística, letras e ciências afins. As noções de discurso e de línguas de especialidade serão vistas para melhor esclarecimento do tema, assim como a distinção entre termo, palavra, vocábulo, léxico e vocabulário. Seu uso em linguística e em análise do discurso serão destacados, assim como as novas orientações desta ciência, com base em ampla bibliografia referida a sinteticamente apresentada.

Palavras-chave:

Palavra. Terminologia. Termo. Vocabulário. Vocábulo.

1. Considerações iniciais

Qualquer disciplina ou ciência, segundo Jean Dubois *et al.* (1998, s.v.), precisa de um conjunto de termos para designar as noções que lhe são úteis, ou seja, sua *terminologia*. Assim como todas as ciências, portanto, cada escola linguística forma sua terminologia particular, mais ou menos completa e específica, pois não há ciência sem terminologia.

Segundo Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2006, s.v.), denomina-se terminologia o conjunto de palavras e expressões munidas de sua definição, por meio das quais uma disciplina científica ou técnica se refere às noções que a constituem. Às vezes, terminologia é sinônimo de nomenclatura, embora esta última remeta mais frequentemente a um conjunto sistematizado de formas, sem definições ou descrições. Distingue-se, também “*vocabulário*”, empregado, geralmente, como mera relação de palavras, como é o caso do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, podendo se aproximar também do sintagma *língua de especialidade*, utilizado notadamente na didática das línguas.

2. *Atividade terminológica*

Fundada por Eugen Wüster (1968, 1974 e 1979) e fortemente influenciada pela escola soviética, a terminologia tenta responder às necessidades crescentes de uma comunicação sem ambiguidade entre os especialistas de um domínio científico ou técnico, em uma língua ou entre as línguas. A terminologia procura contornar as “imperfeições” das línguas naturais, *descritiva e onomasiologicamente*, discriminando e articulando os domínios de atividades, inventário e organização de noções ou conceitos, relacionando os termos e formalizando suas relações.

O objetivo da terminologia é construir expressões *denotativas* específicas para chegar, na *prática*, à proposição de uma terminologia intralinguística que evite a polissemia e a sinonímia, e estabelecer dicionários plurilíngues, como equipamentos terminológicos das línguas que não possuem os termos de um domínio ou de uma tecnologia. A tarefa dos terminólogos pode variar enormemente de um país a outro, dependendo de suas necessidades e suas políticas linguísticas.

A unidade da terminologia é o *termo* – uma palavra ou grupo de palavras que designa de maneira unívoca uma noção ou *conceito* no interior de um *domínio de atividade*. “Noção” é uma unidade de pensamento constituído de um conjunto de caracteres atribuído a um objeto ou a uma classe de objetos, que pode ser expressa por um símbolo não linguístico.

A terminologia pratica um desmonte onomasiológica que parte de noções supostas, pesquisando as palavras que podem traduzi-las. Em nome dessas ambições e dos jogos socioeconômicos e geopolíticos em pauta, a atividade terminológica se efetua em estreita relação com os especialistas dos domínios correspondentes e com os organismos nacionais e internacionais de normalização.

3. *Termo*

Termo é a palavra ou grupo de palavras que representam uma unidade funcional dentro da frase. A palavra, no entanto, compõe-se de *som articulado* ou *escrita* e de *conceito* (o símbolo e a ideia que ele encerra). Quando a atenção se dirige para o aspecto exterior e material, temos o *vocábulo*; quando se orienta apenas para o aspecto interior, significativo e conceptual, temos o *termo*.

Como vocábulo e termo coincidem algumas vezes, ocorre a flutu-

ação dos limites da palavra, que ora condensa mais de um termo num vocábulo (como as formas verbais, que contêm as ideias de ação e de pessoa), ora representa somente um termo em mais de um vocábulo (como em *de linguística*, pois a preposição *de* denota apenas uma relação gramatical e não conceptual).

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, *s.v.*), o *termo* é uma unidade lexical, com função denominativa, definida relativamente a outras unidades no interior de um domínio de atividades delimitadas.

Uma unidade lexical como *depressão*, em uma acepção não terminológica, corresponde a “afundamento sob o efeito de uma pressão”, mas, em acepções terminológicas nos domínios da geografia, da meteorologia, da medicina ou da economia, passa a pertencer ao *vocabulário* da geografia, da meteorologia etc. Neste caso, o uso de termos é considerado como índice de *especialidade*, mesmo que a penetração de objetos técnicos no universo familiar incite o locutor leigo a usá-los.

4. Socioterminologia

As dúvidas ligadas aos efeitos derivados das visões normalizadas e utilitárias da terminologia têm levado à construção de uma socioterminologia (GAUDIN, 1993), que leva em conta os discursos de interface entre ciências e técnicas ou entre iniciados e leigos, considera as variações entre o oral e o escrito no interior dos domínios e estuda os efeitos da pluralidade das línguas em contato.

A socioterminologia trata também das atividades terminológicas e terminográficas, configurando-se, assim, como *análise crítica do discurso da terminologia*.

5. Discurso de especialidade e língua de especialidade

Para Charaudeau e Maingueneau (2006, *s.v.*), a expressão *línguas de especialidade* vem de Charles Muller (1975), definida por Robert Galisson e Daniel Coste (1976, p. 511) como “expressão genérica para designar as línguas utilizadas em *situações de comunicação* que implicam a transmissão de uma informação relativa a um campo de experiência particular”, *lexia* que inclui e equivale a *línguas técnicas e científicas*.

Para terminólogos, a especialização se estabelece a partir de ele-

mentos ligados a situações de comunicação. Assim, “ligamos à expressão ‘língua de especialidade’ qualquer produção linguageira realizada por um especialista no meio profissional, sobre o tema de sua especialidade” (HUMBLEY; CANDEL, 1994, p. 133), de modo que práticas linguageiras relacionadas a campos de experiência não profissionais como caça, esportes e atividades sindicais etc., são excluídas das categorias de especialização, abordadas por Robert Galisson e Daniel Coste (1976).

Defensores de uma língua de especialidade invocam a posição de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que ensina que “um grau de civilização avançado favorece o desenvolvimento de certas línguas especiais (língua jurídica, terminologia científica etc.)” (SAUSSURE, 1972, p. 54).

Essa proposição é sustentada por Alain Rey, que considera que o que torna “especial” uma língua de especialidade é o seu vocabulário, seu léxico, sua terminologia e, principalmente, “o *representante linguageiro* de uma *coerência conceitual*” (REY, 1991, p. IX), evidenciando o fato de que os fundamentos da especialização são de ordem extralinguística. Entretanto, se tomamos o termo *língua* no sentido saussuriano, falar de *língua de especialidade* implica que cada domínio científico ou técnico elabora seu próprio sistema linguístico, distinto do sistema que rege o funcionamento da língua “ordinária” (CUSIN-BERCHE, 1997).

A comunidade técnica e científica conscientizou-se de que essas práticas discursivas solicitam o sistema das línguas comuns, mas possuem particularidades irreduzíveis, já que “a língua de especialidade” é “um subsistema linguístico que utiliza uma terminologia e outros meios terminológicos que visam à não ambiguidade da comunicação em um domínio particular” (ISO, *International Standardization Organization*, 1990).

Os lexicólogos denunciam a inadequação de denominações contendo a palavra *língua*. Segundo Bernard Quemada (1978, p. 1153), “é mais conveniente falar de *vocabulários*, em se tratando de empregos particulares do francês e de suas variedades, que apelam à base da língua comum, no que diz respeito à pronúncia, à morfologia e à sintaxe”. Os vocabulários são as manifestações mais visíveis da especificidade desse tipo de produção e contribuem mais do que outras particularidades discursivas, para tornar o sentido mais claro.

O julgamento de *especialidade* se fundamenta em um critério temático correlato a uma situação enunciativa específica, suscetível de favorecer o recurso a uma organização discursiva particular e a um vocabu-

lário compreendido apenas por iniciados. Por isso, a expressão *discurso especializado* é preferível na linguagem própria a certas atividades.

Problemas essenciais colocados pela noção *línguas de especialidade* residem em sua definição e pertinência linguística, que opõe aqueles que acham que se trata de uma língua diferente da língua ordinária aos que julgam que as particularidades são apenas discursivas, levando-se a privilegiar a denominação *discurso de especialidade*.

O *discurso especializado* pressupõe, normalmente, a transmissão de conhecimentos. Por isto, os discursos científicos e técnicos são considerados como prototípicos dessa categoria, caracterizados pelo estatuto socioprofissional do enunciador inscrito no quadro de certa instituição, pela natureza do conteúdo e/ou pela finalidade pragmática da mensagem.

6. *Palavra*

Palavra é unidade linguística em que se associam som, significação e forma gramatical; vocábulo é palavra desprovida de significado. Assim, *amamos* é palavra porque: é um conjunto de sons; esse conjunto de sons tem determinada significação; e desempenha a função de *verbo*, manifestada pelo elemento *-mos*, morfema da primeira pessoa do plural.

Não há palavra que seja simplesmente fonema + semantema. Algumas, como *luz*, assim o parecem, mas pode ser isolada como radical em derivado como *luzeiro*. Na palavra *luz*, diferentemente do radical *luz-*, admite-se a presença do morfema zero, que se revela em oposições como as do tipo singular-plural (*luz-luzes*).

Um vocábulo, no entanto, pode resultar apenas da soma fonema + morfema, como ocorre com a preposição *de*. Num segmento frasal como *casa de Pedro*, o elemento *de* representa a mesma função que a desinência *-i* em latim ou o morfema *'s* em inglês: *domus Petri*, *Peter's house*.

Em outros termos: em *de* não há semantema, o que se deduz das múltiplas relações que tal preposição pode estabelecer: *casa de Pedro* (posse), *casa de madeira* (matéria), *casa de banho* (fim), *casa de luxo* (qualidade), *morrer de fome* (causa), *cair de joelhos* (modo) etc.

Logo, a preposição *de* não é uma *palavra*, mas um *vocábulo* – a menor forma livre de uma língua. Assim, toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra. Daí a divisão dos vocábulos em *vocábulos lexicais* (= palavras) e *vocábulos gramaticais* (= morfemas vocabulares).

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* classifica assim as palavras da língua portuguesa: *substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição*. Dessas dez, seis são variáveis: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome e verbo; e quatro, invariáveis: advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Se fizermos a classificação dos vocábulos, a divisão será: *vocábulos lexicais* (substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo e advérbio de modo e circunstanciais), *vocábulos gramaticais* (artigo, preposição, conjunção e advérbio de intensidade) e *vocábulo-frase* (interjeição).

Os vocábulos lexicais subdividem-se em *nomes* (substantivo, adjetivo, numeral, pronome, advérbio) e *verbo*. Dos nomes, são palavras *modificativas* o adjetivo (modifica o substantivo) e o advérbio (modifica o verbo). Entre os vocábulos gramaticais, a preposição e a conjunção são *conectivos*.

De três formas surgem as palavras em uma língua: por criação artificial ou eruditismo, por empréstimo, por composição e por derivação.

Em linguística tradicional, segundo Dubois *et al.* (1998, s.v.), *palavra* é um elemento linguístico significativo composto de um ou mais fonemas, susceptível de transcrição escrita compreendida entre dois espaços em branco, que conserva sua forma (total ou parcialmente) nos diversos empregos sintagmáticos e denota um objeto, uma ação (ou estado), uma qualidade, uma relação etc.

Tal concepção encontra diversas reservas que incidem sobre a identidade postulada entre grafismo e funcionamento semântico; sobre o fato de uma palavra possuir vários sentidos; e sobre o fato de as mesmas noções poderem ser marcadas indiferentemente por palavras de diversas naturezas gramaticais (exemplo para qualidade: *branco* e *brancura*; exemplo para ação: *saltar* e *salto*).

Em linguística estrutural, a noção de *palavra* é frequentemente evitada em virtude de sua falta de rigor.

Ela intervém numa oposição *termo versus palavra*, em que "termo" designa o emprego monossêmico que será feito de uma unidade léxica em tal ou qual ciência, preocupada em estabelecer uma correspondência unívoca entre seus conceitos e os termos de sua, e em que "palavra" designa a unidade léxica do vocabulário geral, normalmente polisêmico.

Encontra-se igualmente a noção de palavra numa oposição entre *palavra* e *vocábulo*, de modo que, para a estatística léxica, a palavra é a unidade de texto inscrita entre dois brancos gráficos, na qual cada nova ocorrência é uma nova palavra.

O termo *palavra*, por falta de rigor, costuma ser banido em proveito da pesquisa de unidades significativas mínimas, por autores como André Martinet (1908-1999), para quem a noção de palavra deve ser abandonada em proveito das noções de monema e de sintagma.

Segundo Zélio dos Santos Jota (1981, s.v.), parece óbvio que a significação não existe por si mesma, mas pode ser comparada à alma de um corpo, que é diferente de corpo para corpo. Palavra é a unidade mínima autônoma capaz de formar uma frase por si mesma, mas, quando despida de significação, é apenas vocábulo. Assim, da palavra pode ser dito que é substantivo, adjetivo etc. e que tem tal ou qual sentido, deixando para o vocábulo o aspecto fônico (ou gráfico).

A palavra é uma entidade fonético-psicológica, de conteúdo significativo, que sintetiza a união íntima entre essa imagem verbal (a ideia) e a entidade física (sonora) que com ela se identifica, tanto que o *vocábulo* é tido como palavra abstraída de significação.

Segundo Albert Joseph Carnoy (1878-1961), há três fases no processo de formação de uma palavra: fase *perceptual*, quando se tem sua imagem visual ou auditiva; fase *afetiva*, quando tal imagem se transforma em ideia; e fase *conceitual*, quando a ideia já é capaz de provocar outras ideias ou é sentida como elemento sintático (assim, por exemplo, a ideia de *lápiz* se correlaciona *escrever*).

Há um conceito bem mais amplo de *palavra*, que pode abranger os três elementos: *vocábulo* (palavra no aspecto fônico, objeto da fonética), *palavra propriamente dita* ou *vocábulo-morfema* e o *termo*, que é a palavra como elemento da frase (JOTA, 1981, s.v.).

Segundo Robert Lawrence Trask (2015, s.v.), *palavra* é uma unidade linguística tipicamente maior que o *morfema*, mas menor que um *sintagma*. O termo *palavra* poderia parecer familiar e suficientemente transparente, mas, na realidade, há pelo menos quatro maneiras de definir a palavra, e essas maneiras não se equivalem: 1) A *palavra ortográfica* – algo que se escreve com espaços brancos de ambos os lados, mas sem espaços brancos em seu interior. 2) A *palavra fonológica* – algo que se pronuncia como uma única unidade. 3) O *item lexical* ou *lexema* – uni-

dade para a qual se espera que exista uma entrada própria no dicionário.
4) A *forma gramatical de palavra* ou *palavra morfossintática* – qualquer uma das formas que um item lexical pode assumir para fins gramaticais.

Em suma, quando se fala de palavras, é essencial que especifiquemos exatamente que sentido temos em mente, e pode ser preferível usar uma das denominações mais específicas apresentadas neste verbete.

Para Valdir do Nascimento Flores *et al.* (2018, *s.v.*), palavra é o produto da interação entre o locutor e o interlocutor. É o território comum do locutor e do interlocutor, através da qual se define a relação do locutor com os outros, funcionando como zona fronteira que se apoia neles na emissão e na recepção. É um fenômeno ideológico por excelência que entra em contato com diversos fios ideológicos para refletir e refratar diferentes graus de transformações sociais, suscitando uma atitude responsiva e uma posição ativa.

Mikhail Bakhtin destaca que as palavras são selecionadas segundo as particularidades dos gêneros do discurso mobilizados, pois elas trazem a expressão típica e ecos do gênero em que circulam. A palavra existe sob três aspectos: “palavra da língua”, que não pertence a ninguém; a “palavra alheia”, que é dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e a “minha palavra”. A “palavra da língua” é aquela que ainda não recebeu acento valorativo, expressividade; não é, portanto, atribuída a nenhum sujeito. Tanto a “palavra alheia” quanto a “minha palavra” apresentam expressividade a partir da relação com uma dada situação concreta. O discurso é pleno de palavras dos outros, trazendo consigo sua expressão e seu tom valorativo, que é assimilado, reelaborado e/ou reacentuado pelos interlocutores.

Ainda segundo Flores *et al.* (2018, *s.v.*), é por meio da palavra que a língua é atualizada, entendendo-se por *atualização da palavra* a noção de emprego e o sentido único e singular em um enunciado, que também é único e singular. Para que a palavra seja atualizada, é preciso ultrapassar a condição de virtualidade para a de uso, considerando que ela só tem existência real no enunciado e que, à noção de atualização se agregam as de sintagmatização e semantização, com as quais a palavra consta em um enunciado, junto com outras com as quais se inter-relaciona.

Patrick e Maingueneau (2006, *s.v.*) ensinam que o termo *palavra* remete a muitos recortes nocionais e que o sentido atribuído habitualmente a este termo é fortemente impregnado pela tradição *tipográfica*, que a utiliza para designar um segmento gráfico isolado por espaços em

branco. Essa percepção material da palavra que repousa sobre a noção de unidade gráfica é associada a um sentimento de unidade semântica que favorece a relação pressuposta entre *palavra* e *coisa* e é apreendida como uma unidade de texto, recobrando noções complexas e desiguais.

6.1. A palavra em linguística

Segundo os lexicólogos contemporâneos, a ausência de coincidência sistemática entre palavra gráfica e unidade semântica deve ser levada em conta, já que, como sublinha Marie-Françoise Mortureux (1997, p. 10), “várias palavras gráficas podem formar uma só palavra linguística (formas conjugadas dos verbos nos tempos compostos)” e, inversamente, “ocorre também que a uma palavra gráfica isolada corresponda a várias unidades linguísticas: é o caso, por exemplo, de todas as formas conjugadas simples do verbo”. Assim, o sintagma *palavra linguística* remete a unidades lexicais simples ou complexas, tais como “sem eira nem beira” ou “levar a breca”, nas quais algumas unidades gráficas independentes são desprovidas de autonomia semântica.

Numa perspectiva estritamente morfológica, Danielle Corbin propõe distinguir as *palavras simples*, “cuja eventual estrutura interna e cujo sentido não são de forma alguma superpostos” (CORBIN, 1991, p. 459), *palavras complexas*, “que têm uma estrutura interna e um sentido, ao menos parcialmente, superposto a ela” (*Id., ibid.*, p. 455-6), sendo que essas últimas se subdividem, por sua vez, em duas categorias: as *palavras complexas construídas*, “cuja estrutura morfológica e cujo sentido são inteiramente superpostos” (*op. cit.*, p. 458) e as *palavras complexas não construídas*, cuja estrutura interna e sentido são apenas parcialmente superpostos (*Id., ibid.*, p. 459).

Assim, Corbin classifica *rei* como palavra simples, por oposição a *real*, que é palavra complexa construída, e a *reinado*, que é palavra complexa não construída, porque “o segmento final *-ado* não ocorre em outros lugares com as mesmas propriedades” (*Id., ibid.*, p. 13). Em contrapartida, Jacqueline Picoche (1992) considera uma tripartição ligeiramente diferente, embora encontremos em primeiro lugar as palavras simples distintas das palavras construídas ou derivadas, que diferem de palavras flexionadas (como *daremos*), de modo que a categoria *palavras simples* inclui as *palavras complexas não construídas*.

Numa perspectiva semântica, a distinção clássica opõe *palavras*

plenas a *palavras-instrumentos*. O sentido das primeiras, “mesmo fora de qualquer emprego em um enunciado, evoca uma realidade”, enquanto o das segundas “não evoca nenhuma realidade distinta nos locutores” (MORTUREUX, 1997, p. 11), diferenciação encontrada sob outras denominações como *lexemas versus gramemas*, ou *unidades lexicais versus unidades gramaticais*.

6.2. Palavra e discurso

Nos séculos XIX e XX, a semântica lexical é orientada para o estudo de *mudança*. Assim, Georges Matoré propõe uma organização deste domínio, articulando-o à sociologia: “É a partir do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade. Também poderemos definir a lexicologia como uma disciplina sociológica que utiliza o material linguístico que são as palavras” (MATORÉ, 1953, p. 50). Propõe a noção de *palavra-testemunha* (uma palavra que simboliza uma mudança social que “marca uma virada” [1953, p. 66]) e a noção de *palavra-chave* (uma palavra que exprime de maneira sintética a época estudada, como *honestidade* no século XVII).

6.3. A palavra em análise do discurso

As pesquisas concretas realizadas em análise do discurso na França seguem três correntes principais:

1ª) *Os estudos de estatística lexical* iniciados por Pierre Guiraud e Charles Muller relacionaram o conjunto dos vocábulos que os *corpora* contêm, tomando a importância da repetição nos funcionamentos textuais como hipótese de base.

As análises computacionais de Pierre Lafon (1984) e de Lucien Lebart e André Salem (1994) comparam *corpora* sob o ângulo das *escolhas* e *rejeições*, revelando as atrações das formas entre si e a escolha de uma forma que implica a presença de outra. As unidades reconhecidas pelo computador não correspondem às “palavras” de Meillet, já que a máquina computa cegamente grupos de letras separadas por espaços em branco e considera separadamente cada variante paradigmática, reagrupando todas as ocorrências da forma *classe*: o verbo e o substantivo, os homônimos que serão intuitivamente tratados como duas unidades e as acepções polissêmicas que a intuição considera como uma mesma unida-

de. O dispositivo da *lexicometria* não estuda o sentido, mas as comparações entre *corpora* e as relações associativas entre formas esclarecem as condições de funcionamento do sentido.

2ª) *A segunda corrente é mais diretamente interessada no funcionamento qualitativo* de certas formas lexicais, interessando-se particularmente pelas dimensões conflituais do sentido. Michel Pêcheux atribui à análise do discurso a tarefa de decodificar interpretações antagônicas que se afrontam em função dos interesses dos diferentes grupos sociais, considerando que “as palavras mudam de sentido de acordo com as posições assumidas por aqueles que as empregam” (HAROCHE, HENRY & PÊCHEUX, 1971), enquanto Mikhail Bakhtin e Valentin Nikolaevich Volochinov (1981) privilegiam a *heterogeneidade enunciativa* das formas linguísticas que marcam a presença do outro no discurso. Assim, a análise lexicológica é responsável pela redescoberta da complexidade da enunciação sob a aparente repetição das unidades lexicais.

3ª) *Uma terceira corrente se consagra aos processos de lexicalização* que vão da invenção à difusão dos termos técnicos. Por isto, os trabalhos de Guilbert (1965) são seguidos pela rede *Langage et Travail*, que se interessam notadamente pelas *denominações* reveladoras das hierarquias profissionais e pelas *designações* que colocam em jogo as posições dos locutores em relação ao saber.

A dimensão *performativa* está muito presente desde o primeiro momento da análise do discurso, na qual as palavras aparecem como reflexos da realidade (como armas políticas e como “instrumentos”), fazendo-a e modelando-a.

6.4. Novas orientações

As evoluções recentes se explicam pela influência das abordagens *etnometodológicas* e da semântica pragmático-referencial.

Uma parte dos lexicólogos busca suas referências filosóficas em Charles Sanders Peirce (1839-1914), em Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e em Saussure (1857-1913). Em análise do discurso, entende-se que o sentido se constrói na interação e imbrica a palavra nas atividades práticas dos *atores* situados nos contextos variados de ação. Os significados são considerados como múltiplos e mutantes, e os contextos levam a métodos que exploram funcionamentos enunciativos e argumentativos (PLANTIN, 1993), colocando em jogo o todo do texto, ou a métodos que

procuram reconstruir as relações formais e semânticas que unem os enunciados no *arquivo*.

Alguns autores que trabalham em história renunciaram à entrada pela palavra para privilegiar o estudo nocional que reúne quaisquer tipos de enunciados, desde que sejam relativos a um conceito (KOSELLECK, 1990). O momento em que uma nova denominação aparece é o que se inscreve num campo de experiência mais amplo. Assim, a palavra faz *acontecer*, e o analista sublinha o valor de seu aparecimento assim que um complexo nocional se encarna em um significante.

Por outro lado, a pragmática modificou as concepções da significação nos mais variados domínios.

Primeiramente, a abordagem das categorias referenciais foi transformada pelas teorias dos protótipos importadas da psicologia; pela teoria das “facetas”, que dá conta da variação contextual (LAKOFF, 1987; CRUSE, 1986; e REMI-GIRAUD; RÉTAT, Eds., 1996), e pelos debates em torno das teorias da metáfora. Embora postule que as significações dependem da nossa organização mental, a semântica pragmática levou os pesquisadores a se interessarem por categorias vagas.

Lorenza Mondada (2000) considera que são essencialmente as atividades em curso que determinam a construção das representações, mas os trabalhos sobre as relações de *correferência* renovaram as abordagens discursivas, abrindo-as para o estudo das *reformulações*.

2) *Em segundo lugar, seguindo os trabalhos de Oswald Ducrot*, a significação das “palavras do discurso” não referenciais, como os conectores, não é mais concebida em termos sêmicos, mas em termos de instruções pragmáticas,

3) *Enfim, a importância das capacidades reflexivas dos sujeitos* é um tema comum à etnometodologia e à linguística de Antoine Culioli ou de Jacqueline Authier-Revuz: trata-se de um campo importante, desde a observação dos fenômenos de *autonímia* até os estudos sobre o discurso do dicionário (CHAURAND; MAZIÈRE, Eds., 1990; COLLINOT; MAZIÈRE, 1997).

7. Vocabulário/léxico

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, s.v.), o termo *vocabulário* é compreendido, no uso corrente, como um sinônimo de *léxico*,

designando simplesmente um conjunto de *palavras*.

7.1. O vocabulário/léxico em linguística

O estatístico Charles Müller (1967) estabeleceu uma distinção entre o *léxico* – que se relaciona com o que Saussure (2012) chama de *língua* – e o *vocabulário* – que se inscreve na *fala* ou no discurso. Posteriormente, essa distinção foi retomada por lexicólogos como Robert Léon Wagner (1967, p. 17), que instaura uma relação de inclusão entre o *léxico*, definido como o “conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si”, e o *vocabulário*, como “um domínio do léxico que se presta a um inventário e a uma descrição”. Picoche a explica diferentemente, propondo “chamar de léxico o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos locutores, e vocabulário o conjunto de palavras utilizadas por um dado locutor em dadas circunstâncias” (PICOCHÉ, 1977, p. 45).

7.2. O vocabulário/léxico em análise do discurso

É o funcionamento das palavras no discurso que interessa essencialmente aos analistas. Os *vocábulos* constituem, nesta perspectiva, um dado observável pertinente. Na observação de discursos *especializados*, o exame dos vocábulos ligados ao domínio é incontornável. Sublinha-se, entretanto, que a atenção dispensada ao vocabulário não exclui o reconhecimento da existência de um sistema lexical que preside à atualização das unidades em discurso, o que leva a afirmar que a distinção léxico/vocabulário é fundamentada no princípio de uma relação interativa entre língua e discurso.

Essa relação entre língua e discurso se manifesta com uma intensidade particular quando se introduz numa comunidade discursiva uma *designação correferencial* a uma denominação anterior para destacar que a inovação é essencialmente discursiva (CUSIN-BERCHE, 1998). Assim se constata que o novo uso que modifica a relação denominativa estabelecida anteriormente é susceptível de provocar uma modificação semântica do vocábulo em questão e da representação que se tinha do lexema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BEACCO, Jean-Claude; MOIRAND, Sophie. (Eds.). *Les carnets du CEDISCORM*, n. 3 – Les enjeux des discours spécialisés. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1995b.
- BERGOUNIOUX, Alain *et al.* *La parole syndicale*. Étude du vocabulaire confédéral des centrales ouvrières française (1971-1976). Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- CHAURAND, Jacques; MAZIÈRE, Francine. (Eds.). *La définition*. Paris: Larousse, 1990.
- COLLINOT, André; MAZIERE, Franchie. *Un prêt à parler: le dictionnaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- CORBIN, Danielle. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Lille: Presse Universitaire de Lille, 1991. [1. ed. 1987]
- CRUSE, David Alan. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University, 1986.
- CUSIN-BERCHE, Fabienne. A la recherche de quelques caractéristiques linguistiques des textes spécialisés et de la rédaction technique. *La Langage et l'Homme*. Leuven: De Boeck, vol. XXXII, n. 4, p. 21-55, 1997.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. Trad. de Izidoro Blikstein *et al.* 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1998. [1. ed. francesa, 1973; 1. ed. brasileira, 1978].
- FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* *Dicionário de linguística da e-nuniação*. Prefácio de José Luiz Fiorin. São Paulo: Contexto, 2018.
- GALISSON, Robert; COSTE, Daniel. *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette, 1976.
- GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie, des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Presses de l'Université de Rouen, 1993.
- GREIMAS, Algirdas Julius. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, p. 93-106, 1971.

HUMBLEY, John; CANDEL, Danielle. Oralisation de sigles en aéronautique. *LINX*, Paris: Université Paris X-Nanterre, n. 30, p. 133-151, 1994.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.

KOSELLECK, Reinhart. *Le futur passé*. Contribution à la sémantique des temps historiques. Paris: Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

LAFON, Pierre. *Dépouillements et statistiques en lexicométrie*. Genève: Slatkine; Paris: Champion, 1984.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago, 1987.

LEBART, Lucien; SALEM, André. *Statistique textuelle*. Paris: Dunod, 1994.

MARTIN, Robert. *Pour une logique du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

MONDADA, Lorenza. *Décrire la ville*. La construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte. Paris: Anthropos, 2000.

MORTUREUX, Marie-Françoise. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: SEDES, 1997.

MÜLLER, Charles. *Étude de statistique lexicale*. Le vocabulaire du théâtre de Pierre Corneille. Genève: Slatkine, 1979a. [1. ed. Paris: Larousse, 1967]

PATRICK, Charaudeau; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Cord. de Trad. de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan, 1992. [1. ed. 1977].

PLANTIN, Christian. (Ed.). *Lieux communs: topoï, stéréotypes, clichés*.

Paris: Kimé, 1993.

REMI-GIRAUD, Sylviane; RÉTAT, Pierre. (Eds.). *Les mots de la nation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1996.

REY, Alain. “Avant-propos” de KOCOUREK, Rostilav. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Bradstetter Verlag, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira por Isaac Nicolau Salum. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TAMBA-MECZ, Irène. *La sémantique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari; revisão técnica: Ingedore Villaça Koch e Thaïs Cristófaró Silva. 3. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015. [1. ed., 2004]

WAGNER, Robert Léon. *Les vocabulaires français*: t. I, Définitions, les dictionnaires. Paris: Didier, 1967.

WÜSTER, Eugen. Die allgemeine Terminologielehre – Ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften. *Linguistics*, vol. 119, p. 61-106, 1974.

_____. *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*. Vienna/New York: Springer, 1979.

_____. *The Machine Tool*. An interlingual Dictionary of Basic Concepts. London: Technical Press, 1968.